

Que bobagem? Vozes da Ciência nas Mídias Sociais¹

Ana Carolina Correia²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O trabalho a seguir examina a repercussão no X – antigo Twitter – em relação à divulgação do livro *Que bobagem!*, de Natália Pasternak e Carlos Orsi, em programa da Globo News. O artigo, a partir da análise da cena, busca discutir o papel do jornalista, do pesquisador e do divulgador nesses novos tempos da divulgação científica pós-pandemia e o uso do discurso de autoridade na área.

PALAVRAS-CHAVE: divulgação científica; mídias sociais; pseudociência; comunicação.

CORPO DO TEXTO

Introdução

A cena proposta é a repercussão de um tuíte da Globo News sobre o lançamento do livro *Que bobagem! Pseudociência e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*, de Natália Pasternak e Carlos Orsi, evidenciando a discussão entre cientistas no Twitter (atual X) após a divulgação da postagem. A cena descrita neste trabalho será um recorte do tuíte com parte da entrevista e seus comentários.

No trecho do vídeo em destaque na postagem, a autora fala que a ideia do livro é "trazer uma reflexão crítica sobre teorias, práticas e doutrinas seguidas no Brasil e que não têm comprovação científica". Entre as práticas citadas e denominadas pelos autores como "pseudociência" estão: astrologia, homeopatia, acupuntura, ufologia e psicanálise. "A gente faz uma análise crítica e científica, mergulhando no contexto histórico e cultural nos países de origem e como chegaram no Brasil. [...] Pseudociência não é pejorativo, é apenas aquilo que parece científico quando não é."

A partir deste post, a comunidade científica no Twitter se dividiu entre críticos e apoiadores do pensamento de Pasternak, sendo o último grupo aquele que defende um pensamento positivista da Ciência. A exemplo disso, o usuário Jucelino Costa Júnior

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Desinformação no Ecosistema Midiático, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ) email: anacorreia@gmail.com.

disse, em uma das réplicas: "Os comentários são tipo: Não mexam na minha pseudociência favorita."

A maioria dos comentários, no entanto, fazem severas críticas aos autores, reforçando que nenhum dos dois estuda as áreas de filosofia e epistemologia da ciência para tecer comentários mais aprofundados sobre o assunto. Leticia Kawano-Dourado afirmou: "Que derrapada, GloboNews, ter uma microbiologista para colocar no mesmo balaio homeopatia e psicanálise." O usuário Realitys, por sua vez, comentou: "Acho de bom tom convidarem psicanalistas para falarem sobre o tema também. O pensamento dela é retrógrado. Ciência exata não é a única forma de saber."

Parte do público também enfatizou que, embora Pasternak diga que pseudociência não é algo pejorativo e que são analisadas questões culturais e sociais, o próprio título já demonstra um pensamento de desprezo, insinuando que tais práticas, na verdade, são uma bobagem. O usuário Paulo Pampolin, por exemplo, destacou: "O nome do livro parece ser um ato falho dela."

Desenvolvimento

A divulgação científica encontrou na internet uma grande oportunidade de aproximação com seu público, mas também uma série de desafios. A cena descrita na introdução deste trabalho é um bom exemplo de como o debate sobre Ciência vem se estabelecendo nas mídias sociais com uma grande expansão das vozes e uma consequente dissonância entre os articuladores.

Essa realidade se intensificou durante a pandemia da covid-19, quando as redes sociais se tornaram uma das principais fontes de informação sobre a doença. Nesse cenário, nomes como o de Átila Iamarino, Luiza Caires, Mellanie Fontes-Dutra e a própria Natália Pasternak se solidificaram como importantes atores da divulgação científica e no combate à desinformação que aumentou no período.

Dessa forma, a maioria dos nomes citados, assim como muitos outros que fazem divulgação científica nas redes sociais, se consolidaram como divulgadores científicos de seus campos específicos. Mas a cena analisada nos deixa a questão: quem pode falar pela Ciência, no geral? Quem comunica o que a Ciência produz?

O discurso científico é construído dentro de uma comunidade bem delimitada, a comunidade científica, construída por pares. É enquanto cientistas que assumem um

papel comunicativo, dentro de uma comunidade fechada (Charadeau, Maingueneau apud Marques, 2020, p.17)

Retomando o período da pandemia, é importante salientar como a produção de fake news também se utilizou do discurso de autoridade para veicular suas próprias ideias, porém a partir de nomes que foram, por várias vezes, refutados pelos seus pares. O negacionismo científico é, antes de tudo, uma negação da autoridade científica oficial. Durante a crise da covid-19 no Brasil, a negação às vacinas e ao próprio vírus por parte do governo federal à época mostraram uma oposição ao método científico e à epistemologia da Ciência.

Ao analisar o discurso bolsonarista durante a pandemia, Oliveira ressalta que ele não se opõe à autoridade científica, muito pelo contrário: o negacionismo se apropria dessa autoridade de forma a fortalecer seu argumento. Segundo a autora, o que está em curso é "um projeto de ocupação do campo científico e a busca por autoridade por meio do uso de linguagem e padrões científicos" (2021, p. 8).

Um grande exemplo é o de Didier Raoult, médico e microbiologista francês que defendeu o uso da cloroquina para tratar a doença e foi amplamente divulgado no Brasil. Embora seu currículo possa parecer sólido, ele foi questionado por outros pesquisadores tanto por atitudes enquanto cientista quanto pelos seus projetos. Merton defendia a estrutura institucional da Ciência como forma de garantir seu funcionamento e permitir que os seus membros pudessem ter sua autoridade garantida. Para ele, as violações de normas são lapsos éticos (Sismondo, 2010, p.25). No caso de Raoult, é possível compreender que os imperativos do funcionamento científico não foram cumpridos, com indícios de falta de ética e ganhos particulares em seu trabalho.

Pouco depois dessa polêmica no X, outra notícia envolvendo o nome de Pasternak tomou as redes e aqueceu ainda mais o debate: a opinião no discurso de autoridade é, necessariamente, neutra? A microbiologista defendeu, em entrevista, o uso de agrotóxicos e transgênicos, argumentando sobre "doses seguras" e criticando quem acredita na "falácia do natural" (Agrosaber, 2023). A entrevista foi concedida para um portal de notícias produzido pela Associação Brasileira de Produtores de Algodão (Abrapa) e pela Associação Mato-grossense dos Produtores de Algodão (Ampa), ambos

ligados ao agronegócio. Xico Graziano, o entrevistador, é agrônomo e ex-deputado federal com fortes ligações com a bancada ruralista.

A partir da divulgação do programa, as críticas se aprofundaram com a divulgação de que o Instituto Questão de Ciência, de propriedade de Pasternak, e a própria cientista contam com patrocínios e parceria de indústrias ligadas ao agronegócio e de farmacêuticas, como a International Life Sciences Institute Brasil e a Janssen-Cilag (O Joio e o Trigo, 2023).

Assim, é preciso se questionar sobre como os formadores de opinião, os porta-vozes e as fontes são escolhidos, como são suas trajetórias acadêmicas, se são realmente sólidas e quais são os interesses que os acompanham. O currículo não pode ser a única maneira de definir a idoneidade de uma fonte. “É como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes” (Foucault, 2008, p.10).

A comunicação, a sociologia, a epistemologia e a filosofia, dentre outras áreas do conhecimento, refletem sobre o tema abordando questões como representação da Ciência, discurso de autoridade e competência, a partir de autores como Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Bruno Latour. No Brasil, o jornalista e professor Wilson da Costa Bueno também aborda o assunto. O campo da Comunicação Social também reflete sobre a importância do discurso de autoridade em suas produções e o debate de ideias principalmente no que tangencia o jornalismo.

Além disso, os estudos de Comunicação e de Ciência, Tecnologia e Sociedade nos mostram que não existe nem Comunicação e nem Ciência imparciais, que todos somos atravessados por questões que nos motivam, sejam elas pessoais, econômicas, institucionais, políticas etc. Se existe uma falácia, para usar a mesma palavra que a microbiologista, essa é a da neutralidade.

Os princípios da neutralidade e da imparcialidade já se tornaram desprezados no âmbito dos trabalhos teóricos que se dedicam ao jornalismo. Sequer é preciso fazer um pequeno esforço extra para citar alguns textos, porque já se tornou senso comum acadêmico considerar aqueles conceitos, assim como o da objetividade, mitos no jornalismo (Guerra, s.d, p.1).

Considerações finais

Acredito que debater temas como a especialização dos comunicadores e dos cientistas envolvidos na divulgação da Ciência, o discurso de autoridade e a

neutralidade é essencial para avançar na Comunicação em Ciência, ainda mais no ambiente midiático de desinformação e pós-verdade que temos hoje. As mídias sociais, principalmente no pós-pandemia, e a inteligência artificial agravaram essa situação, aumentando a dissipação de notícias e dificultando a checagem de fatos.

A saída para uma sociedade mais bem-informada e que seja capaz de combater a desinformação passa por uma Comunicação e uma Ciência mais acessíveis, que dialoguem melhor com os diversos setores e que transmitam mais segurança em seu discurso.

REFERÊNCIAS

AGROSABER. *Xico Graziano entrevista Natália Pasternak*. 2023. Disponível em: <<https://www.facebook.com/agro.saber/videos/184075909648285/>> Acessado em 28 de abril de 2024

BOURDIEU, P. *O campo científico*. In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

BUENO, Wilson da Costa. *Jornalismo científico: conceito e funções*. Ciência e Cultura, v. 37, n. 9, p. 1420-7, 1985

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso* Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

GLOBONEWS. *Homeopatia, astrologia, acupuntura e psicanálise podem parecer conceitos distantes, mas, segundo a microbiologista Natalia Pasternak, todos eles têm um ponto em comum: não se baseiam evidências científicas [...]*. Rio de Janeiro, 28 jul. 2023. X: @globonews. Disponível em: <<https://twitter.com/GloboNews/status/1685092861295869953>> Acessado em 28 abril de 2024.

GUERRA, Josenildo. *Neutralidade e imparcialidade no Jornalismo: da Teoria do Conhecimento à Teoria Ética*. Portal Intercom. São Paulo: sem data. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/07f68ff516fcf5aca65a97a7910910c1.PDF>> Acessado em 28 abril de 2024.

LATOUR, Bruno. *Ciência em Ação*, São Paulo: Fundação Editora UNESP. 1997.

MARQUES, Maria Aldina. *Vozes da Ciência: Discurso Científico e Enunciação*. In: NASCIMENTO, J. FERREIRA, A. Discursos Constituintes. São Paulo: Blue Archer Acess, 2020.

O JOIO E O TRIGO. *Que bobagem! Divulgadora científica Natalia Pasternak dissemina argumentos da indústria de agrotóxicos*. São Paulo: 2023. Disponível em: <<https://ojoioetrigo.com.br/2023/11/natalia-pasternak-agrotoxicos/>> Acessado em 28 abril de 2024.



OLIVEIRA, Thaiane; EVANGELISTA, Simone; ALVES, Marcelo; QUINAN, Rodrigo. “*Those on the Right Take Chloroquine*”: *The Illiberal Instrumentalisation of Scientific Debates during the COVID-19 Pandemic in Brasil*. *Javnost – The Public*, v. 28, n. 2, p. 165-184, 2021. <https://doi.org/10.1080/13183222.2021.1921521> Acessado em 28 abril de 2024.

SISMONDO, Sergio. *An introduction to Science and Technology Studies*. Willey-Blackwell, 2010.